

livros recebidos



MACHADO, Regina M. A.

Fiction et café dans une vallée impériale

Paris: Éditions Indigo, 2010.

Quiconque s'intéresse au Brésil, à son histoire et à la structuration de sa société, connaît l'importance de la vallée du fleuve Paraíba do Sul, qui depuis l'Etat de São Paulo, s'infléchit vers le Nord-est entre Rio de Janeiro et Minas Gerais. C'est là que le café, qui a dominé l'économie du pays pendant si longtemps, a commencé à être cultivé à grande échelle, en complète dépendance de l'importation en masse de travailleurs esclaves depuis l'Afrique. Actuellement, le visiteur de passage aurait besoin qu'on le mette au courant de cette histoire, car l'enfilade de collines arrondies dénudées des arbres qui autrefois les recouvraient, ne garde aucune trace des cafés qui les ont remplacés. Quelques demeures seigneuriales du 19e siècle, quelques-unes en ruines, d'autres devenues des hôtels où l'on s'échappe de Rio pour un week-end, c'est tout ce que les anciennes fazendas présenteront aux yeux du visiteur pressé. (...)

Quant à l'expression littéraire qu'a pu se trouver cette société bâtie sur des bases aussi brutales pendant cette même période, c'est la question suscitée par ce livre. C'est vers la moitié du 19e siècle que la fertilité du sol commence à s'épuiser, l'abolitionnisme à se propager, et que les habitants de la zone caféière, propriétaires, travailleurs libres et esclaves, sentent que la vallée et leur mode de vie étaient condamnés.

Les plantations migraient vers l'Ouest, vers São Paulo, où elles allaient prendre un nouvel essor. Comment se fait-il que des romans intéressants, révélateurs et subtils aient pu être écrits là où l'oppression régnait sans ménagement, associée à une économie qui se savait menacée d'étranglement par son régime social et économique ?

Une partie de la fascination du livre de Regina M. A. Machado reside précisément dans ce paradoxe. Chacun à sa manière, très différents entre eux et chacun écrit par un auteur - José de Alencar, Bernardo Guimarães et Coelho Neto - détenteur d'une place et d'une renommée particulières au sein du canon officiel de la littérature brésilienne, les trois romans qu'elle a choisi de focaliser n'ignorent pas le cul-de-sac qui se dessinait pour la vallée. Au contraire, ils en révèlent les complexités dans la manière dont leur configuration fait refléter les problèmes nationaux dans le cadre restreint de la fazenda.

John Gledson (Texto da contracapa)

Quem quer que se interesse pelo Brasil, sua história e estruturação da sociedade conhece a importância do vale do Paraíba do Sul, que, partindo do Estado de São Paulo, toma a direção nordeste entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. Foi aí que o café, que dominou a economia do país durante tanto tempo, começou a ser cultivado em grande escala, totalmente dependente da importação em massa de trabalhadores escravos vindos da África. Atualmente o visitante de passagem teria que ser informado dessa História, pois as fileiras de colinas arredondadas despojadas das árvores que outrora as recobriam, não guarda nenhum traço dos cafezais que as substituíram. Algumas moradas senhoriais do século XIX, algumas em ruínas, outras transformadas em hotéis onde se pode dar uma escapada do Rio para um fim de semana, é tudo que as antigas fazendas apresentarão aos olhos do visitante apressado. (...)

Quanto à expressão literária encontrada por essa sociedade construída sobre bases tão brutais durante esse período, é a questão suscitada por este livro. É por volta da metade do século XIX que a fertilidade do solo começa a se esgotar, o abolicionismo a se propagar, e que os habitantes da zona cafeeira, donos de terras, trabalhadores livres e escravos, sentem que o vale e seu modo de vida estavam condenados.

As plantações emigravam para o Oeste, para São Paulo, onde iam tomar novo impulso. Como é possível que romances interessantes, reveladores e sutis tenham podido ser escritos ali onde a opressão reinava sem limites, associada a uma economia que se sabia ameaçada de estrangulamento por seu regime social e econômico?

Uma parte da fascinação do livro de Regina M. A. Machado reside precisamente nesse paradoxo. Cada um à sua maneira, muito diferentes entre si, e cada um escrito por um autor - José de Alencar, Bernardo Guimarães e Coelho Neto - cada um com seu espaço e sua notoriedade específicos dentro do cânon oficial da literatura brasileira, os três romances que ela escolheu focalizar não ignoram o beco sem saída que se esboçava para o vale. Pelo contrário, eles revelam suas complexidades na maneira como sua configuração faz refletir os problemas nacionais no quadro restrito da fazenda.

John Gledson (Tradução da autora)